



## **OS BRICS: UM GRUPO HETEROGÊNEO DE PAÍSES EMERGENTES NA BUSCA DE UMA IDENTIDADE COMUM.**

**Hubert DROUVOT**

Professor pesquisador da Universidade Salvador, UNIFACS, Salvador de Bahia, Brasil.  
[huberdrouvot@yahoo.fr](mailto:huberdrouvot@yahoo.fr)

**Cláudia MAGALHÃES DROUVOT**

Professor pesquisador da Universidade Salvador, UNIFACS, Salvador de Bahia, Brasil.  
[claudia.drouvot@netcourrier.com](mailto:claudia.drouvot@netcourrier.com)

**Élvia Fadul**

Professor pesquisador da Universidade Salvador, UNIFACS, Salvador de Bahia, Brasil.  
[elvia@unifacs.br](mailto:elvia@unifacs.br)

### **Resumo**

A noção de países emergentes caracteriza os países em desenvolvimento que têm uma dinâmica econômica e social capaz de reduzir a hegemonia dos países desenvolvidos. Os BRICS, acrônimo que reúne o Brasil, a Rússia, a Índia, a China e a África do Sul são um símbolo da mudança da economia mundial. Contudo, as características diferentes dos países membros dos BRICS, a competição e a desconfiança que ainda existem entre eles são fatores que dificultam as ações coordenadas do grupo nas instituições internacionais. Os BRICS estão adquirindo poder suficiente para alterar a realidade da economia global, mas o agrupamento, com suas divergências internas, deve se fortalecer a nível institucional para ser uma verdadeira força geopolítica.

**Palavras chaves:** BRICS, países emergentes, geopolítica.

**Área temática:** Economia Internacional.



## **Os BRICS: um grupo heterogêneo de países emergentes na busca de uma identidade comum.**

### **Resumo**

A noção de países emergentes caracteriza os países em desenvolvimento que têm uma dinâmica econômica e social capaz de reduzir a hegemonia dos países desenvolvidos. Os BRICS, acrônimo que reúne o Brasil, a Rússia, a Índia, a China e a África do Sul são um símbolo da mudança da economia mundial. Contudo, as características diferentes dos países membros dos BRICS, a competição e a desconfiança que ainda existem entre eles são fatores que dificultam as ações coordenadas do grupo nas instituições internacionais. Os BRICS estão adquirindo poder suficiente para alterar a realidade da economia global, mas o agrupamento, com suas divergências internas, deve se fortalecer a nível institucional para ser uma verdadeira força geopolítica.

**Palavras chaves:** BRICS, países emergentes, geopolítica.

### **Abstract**

The notion of emerging characterizes developing countries that have an economic and social dynamics can reduce the hegemony of developed countries. BRICS, an acronym that brings together Brazil, Russia, India, China and South Africa are a symbol of the changing world economy. However, different members of the BRICS countries characteristics, competition and mistrust that still exist among them are factors that hamper the coordinated actions of the group in international institutions. The BRICS are getting enough to change the reality of the global economic power, but the grouping with its internal differences, should strengthen the institutional level to be a real geopolitical strength.

**Keywords:** BRICS, emerging countries, geopolitical.

**Área temática:** Economia Internacional.



## Introdução

Sem que apareça na literatura uma lista definitiva, a noção de países emergentes caracteriza os países em desenvolvimento que conhecem uma dinâmica econômica e social capaz de reduzir a hegemonia dos países desenvolvidos.

Esta dinâmica pode ser avaliada a partir de diversos critérios como um crescimento econômico significativo, a diversificação da indústria e do setor dos serviços, a aparição de uma classe social média importante que estimula a produção de bens de consumo, as capacidades de inovações e de exportação.

Para Huisoud (2013), com esta dinâmica de desenvolvimento, diversos países emergentes se inserem na grande comunidade internacional e modificam a geopolítica mundial. Com mercados importantes em forte potencial de crescimento, estes grandes países obrigam as empresas multinacionais a mudar de uma maneira radical suas estratégias a fim de aproveitar das novas oportunidades de longo prazo e grande escala e, ao mesmo tempo, as mesmas devem enfrentar a concorrência crescente das empresas do Sul que já começam a ameaçar a hegemonia das multinacionais estabelecidas.

Para analisar a transformação da economia mundial, diversos autores utilizam a dicotomia Norte-Sul. Esta distinção não é baseada sobre um critério geográfico (hemisfério norte e hemisfério sul). A intenção é mais caracterizar dois grupos de países, os países desenvolvidos que estavam agrupados ao fim do século XX no conceito de “triade” (Europa ocidental, América do Norte e Japão) e o grupo de países atualmente qualificados de emergentes.

Neste contexto de mudança, de “ruptura global”, segundo a expressão de Ram Charan (2013), **a proposta da pesquisa pode ser representada pelas seguintes questões: faz sentido juntar China, Rússia, Índia, Brasil e África do Sul no grupo conhecido como Brics? Os cinco países têm características em comum que justificam esta expressão? Os países membros desse bloco são capazes de reordenar mecanismos de governança mundial a partir de orientações coerentes em nível econômico e político? Para responder essas perguntas,** o artigo se estrutura em um primeiro tópico sobre “a inclinação do Norte para o Sul”; o seguinte trata da noção de países emergentes; o terceiro tópico trata da importância crescente do BRICS na economia mundial e; finalmente, o conteúdo ambíguo do conceito de BRICS é analisado.

A pesquisa é de natureza descritiva se classificando como documental na medida em que foi baseada no levantamento de dados secundários realizados a partir de um estudo da



imprensa econômica, de papéis de pesquisas e do conteúdo de diversos livros que tratam deste assunto.

## 1. A inclinação do Norte para o Sul

« Desejada pelo Ocidente, a globalização persegue um movimento de afastamento do domínio ocidental da Europa e dos Estados Unidos. Ela deslocaliza o poder no mundo em favor do Sul, apesar de que os países emergentes não sejam ainda uma verdadeira entidade política » (Frachon, 2014, p.152).

Esta transformação do mundo, ligada em grande parte ao processo de globalização, pode ser ilustrada a partir das duas citações seguintes, uma do ano 1997 e a outra de 2013.

«No momento atual, existe uma única grande superpotência global: os Estados Unidos. O desaparecimento desta superpotência significará a desordem e a anarquia. Eu não acredito que nos próximos vinte e cinco anos possam aparecer outra potência. Os Estados Unidos são uma potência global em razão da sua supremacia econômica, tecnológica, militar e cultural».

Esta declaração de Zbigniew Brzezinski (1997), ex-conselheiro para assuntos de segurança do presidente dos Estados Unidos caracteriza a visão, ao fim dos anos 90, de que este país seria a única superpotência global. Esta sugere que o mesmo tinha todas as condições de se aproveitar do processo de globalização para afirmar ainda mais sua supremacia mundial.

« Quando o período de globalização começou, os EUA eram o poder dominante do mundo econômico, tecnológico e político. Dez anos mais tarde era um gigante vacilante » (Ram Charan, 2013, p.28).

Com a abertura dos mercados e graças o progresso tecnológico nos setores dos transportes e das comunicações, as mercadorias, os capitais, os homens e as informações podem passar, com menos entraves, de um ponto do mundo a outro.

Na realidade, esta mudança profunda nas relações comerciais internacionais favoreceu, sobretudo, a expansão de um grupo de países em desenvolvimento e neste grupo, principalmente a China, depois de sua integração, em 2001, na Organização Mundial do Comércio.



No início das reformas, em 1979, a participação da China no PIB mundial era somente de 5%, enquanto a porcentagem subiu até 17%, trinta anos depois. Em 2012, o valor das exportações do país, mais de US\$2.000 bilhões, era quase equivalente ao PIB italiano (Lenglet, 2014, p.222).

Além da China, como aparece na tabela 1, o Brasil e a Índia aproveitaram também do processo de globalização impulsionado pela Organização Mundial do Comércio com uma ampliação de sua participação nas exportações mundiais.

**Tabela 1:** Participação do Brasil, Índia, China na pauta global das exportações.

	Brasil		Índia		China	
	1995*	2011	1995*	2011	2001*	2011
<b>Exportações Em bilhões de US\$.</b>	47	256	31	305	266	1.900
<b>Fatía nas exportações globais.</b>	1995* 0,9%	2011 1,4%	1995* 0,6%	2011 1,7%	2001* 4,3%	2011 10,4%
<b>Exportação com % do PIB.</b>	1995* 6%	2011 10,3%	1995* 8,4%	2011 18%	1995* 20%	2011 26%

1995\*: 2001\*: ano de entrada do país na OMC.

Fontes: OMC, FMI, Exame 05/09/2012.

Conforme Ram Charan (2013, p. 16), o Sul está conduzindo a ruptura e o Norte está com medo dela. Gostando ou não, não se tem escolha, exceto descobrir como posicionar o negócio em fase de mudança. As oportunidades no Norte não vão desaparecer, mas as empresas que permanecem apenas neste ponto encontrarão dificuldades para crescer. A riqueza está se deslocando do Norte para o Sul, e assim também ocorre com os empregos. Caminha-se em direção da expansão de riqueza que estão saindo da pobreza para se tornar uma classe média emergente.

Apesar de uma queda nos últimos anos do ritmo de crescimento, a tabela 2 confirma o desempenho maior dos países em desenvolvimentos em comparação com a dos países desenvolvidos no período entre 2005 - 2014.

**Tabela 2:** O crescimento dos países emergentes diminui (taxa de crescimento do PIB)

	2005	2008	2011	2014
<b>Países emergentes</b>	7.3%	5.9%	6.3%	4.6%
<b>Países desenvolvidos</b>	2.8%	0.1%	1.7%	1.8%

Fonte: Maia Junior,(2014a), Exame, 3/09/2014, p.60-70.

## 2. Os países emergentes



### - O conceito de países emergentes

Ao fim do século XX, a literatura econômica dividiu o mundo em economias “centrais” e “periféricas”. As economias centrais eram os países desenvolvidos e as economias periféricas foram constituídas para toda a parte do mundo que não pertence às economias centrais, tratando-se de um conjunto heterogêneo que agrupava os países recém-industrializados da Ásia, o antigo bloco comunista e os países subdesenvolvidos do terceiro mundo (Urbasch, 2004).

Neste conjunto heterogêneo, Rubens Ricupero, R. (2014) propõe cinco grandes categorias de países emergentes:

- 1. O grupo original e mais avançado (os tigres asiáticos) com Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura e Hong Kong atingiram a maturidade industrial com um nível alto de produtividade e de emprego industrial e, uma participação significativa no comércio internacional.
- 2. Um segundo grupo asiático aumentando a produção e exportação de manufaturas, passando dos produtos intensivos em mão de obra para artigos de média e alta tecnologia: China, Malásia, Tailândia, Índia.
- 3. Um terceiro grupo abrange os países que se integraram nas redes internacionais de produção mediante a montagem de produtos cujos insumos são em grande parte importados: México, Filipinas.
- 4. O quarto grupo reúne os países que alcançaram um nível razoável de industrialização, mas se revelam incapazes de sustentar um processo dinâmico de aprofundamento industrial. As exportações continuam dominadas por produtos primários apesar do avanço em certas indústrias (como aeronáutica): Argentina, Brasil.
- 5. O quinto grupo é o de países que obtiveram crescimento forte e sustentado mediante a intensificação da exploração de seus recursos naturais por meio de um ritmo acelerado de acumulação de capital: Chile, África do Sul.

A expressão país emergente não é bem aceita na China, na Índia e na Rússia. Na realidade, a China e a Índia são nações que estão de volta. A civilização chinesa é uma das mais antigas, sabendo-se que muitas das invenções têm origem neste país, como o papel e a imprensa, armas, a bússola e a porcelana, etc.



No século XVIII, este país, seguido da Índia, era a primeira economia do mundo. Nesta época, o mesmo totalizou entre 25 e 30% do PIB mundial e a Índia mais de 20% (Chancel, 2013).

A partir do fim do século XVIII, a China conheceu um longo período de fechamento e de instabilidade. A nação não conseguiu acompanhar a revolução industrial ocidental num contexto de ocupação estrangeira e de insegurança interna causada pelos senhores da guerra.

Depois da proclamação de Mao da República Popular da China, em 1949, começou a instauração do comunismo e foi preciso esperar até 1979 para assistir ao início de um processo de inserção do país na economia mundial.

Foi o líder Deng Xiaoping que realizou com pragmatismo um conjunto de reforma como o fim da coletivização da agricultura, o reconhecimento do setor privado e, entre 1980-1981, a criação das zonas econômicas especiais para desenvolver a indústria e a exportação de bens manufaturados.

É contestável considerar a Rússia como um país emergente uma vez que a mesma foi considerada no século XX como uma grande potência. Ao lugar de uma nação emergente, a Rússia seria vista como uma potência decadente que tenta se sustentar apoiada sobre seu complexo militar-industrial criado na época da guerra fria.

Depois da regressão econômica e tecnológica que o país enfrentou no período de transição em direção do capitalismo, a política do Presidente Putin visa restaurar a grandeza deste país (Marfarlane, 2006).

### **- A política de abertura prudente dos países emergente**

“A maior parte dos países emergentes adotam uma política astuciosa de abertura prudente e de protecionismo eficaz com a preservação dos interesses estratégicos” (Lenglet, 2014, p.8).

Segundo Ram Charan (2013), existe em uma guerra por emprego, onde políticas protecionistas são generalizadas e os governos não hesitam em intervir na economia em nome do “interesse nacional”.

Na medida em que o poder econômico se desloca, o mesmo ocorre com o poder político. As empresas estão competindo contra países e não apenas com outras empresas. Empresas do Norte podem estar construindo sua concorrência futura em troca de acesso aos mercados (*joint ventures*), e estas reconhecem que se não fizerem isso, um concorrente o fará.



Para Lenglet (2014), com a entrada da China na OMC em dezembro 2001, pode-se afirmar que não é bem o livre comércio que favoreceu o crescimento chinês, na realidade, se trata só de uma abertura comercial e não a liberalização do negócio pelos chineses.

Ao lugar de adotar as regras do comércio internacional, os dirigentes chineses praticam um “gigantesco engano » com a depreciação artificial do *yuan* e a proteção sistemática das empresas nacionais. Com uma regulamentação em favor das transferências de tecnologia por meio dos “*joint ventures*” associando uma empresa local e uma empresa estrangeira, o país consegue fortalecer as empresas nacionais nos setores estratégicos.

A China torna suas prioridades econômicas explícitas e visa desenvolver indústrias específicas em seu plano quinquenal, um documento abrangente que define detalhadamente tudo o que o Estado espera alcançar no próximo período. O país está executando seu décimo segundo plano quinquenal, sendo que este apresenta como um dos objetivos, o desenvolvimento de oito indústrias emergentes: energia alternativa, biotecnologia, nova geração de tecnologia de informação, indústrias de alta tecnologia, materiais avançados, carros movidos a combustíveis alternativos, economia de energia e proteção ambiental. A China se tornou o maior fabricante mundial de turbinas eólicas e painéis solares.

Para Barros (2014), o Brasil está longe de ser uma economia aberta, mesmo tendo em 2013, quase triplicado o número de medidas *antidumping* aplicado a produtos estrangeiros. Com este mecanismo, o governo eleva as tarifas de importação de certos produtos, argumentando que os concorrentes internacionais praticam no Brasil preços menores do que os cobrados em sua origem. Com medidas *antidumping*, o Brasil, seguindo da Índia, é o país que mais impõe medidas para resguardar empresas.

### **3. A importância crescente dos BRICS na economia mundial**

Em 2001 Jim O’Neill (2001a), responsável da pesquisa econômica da *Goldman Sachs*, escreveu um artigo para descrever os impactos sobre a economia mundial dos emergentes, do Brasil, da Rússia, da Índia e da China. Os quatro países se distinguem dos outros países emergentes por causa do tamanho que atingem na economia mundial. Segundo a previsão do autor, em 2050, a classificação dos grandes potenciais será: 1º China; 2º Estados Unidos; 3º Índia; 4º Japão; 5º Brasil; 6º Rússia.

A subida dos quatro países no *ranking* mundial foi estimada num estudo do *Nacional Intelligence Council*. Segundo esta organização, a tabela 3 a seguir indica, em relação ao PIB e para o ano 2030, a classificação prevista das dez maiores potencias mundiais.

**Tabela 3:** As dez maiores potências mundiais em 2030.

1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º
<b>China</b>	Estados Unidos	<b>Índia</b>	Japão	<b>Brasil</b>	<b>Rússia</b>	Alemanha	México	França	Reino Unido

Fonte: NIC, Global Trends 2030, Washington D C.

Numa entrevista no jornal Valor (2011b), Jim O’Neill, criador do termo BRIC declarou que o Brasil se tornou a sétima economia do planeta cerca de dez anos antes do que imaginava.

A tabela 4 indica, entre 2003 a 2011, o crescimento cumulativo do PIB, avaliado em dólares, dos quatro países do BRIC em comparação ao crescimento dos Estados Unidos. Durante este período, o crescimento econômico dos quatro países emergentes foi bem maior que dos Estados Unidos.

**Tabela 4:** O crescimento cumulativo do PIB, em dólares, dos quatro países do BRIC em comparação com ao crescimento dos Estados Unidos (período 2003 a 2011).

Estados Unidos	Brasil	China	Rússia	Índia
35%	348%	346%	331%	203%

Fonte: Hausmann, R., Le Monde, 06/09/2013.

A África do Sul se juntou aos quatro países para constituir os BRICS, sendo o “S” final do acrônimo oficialmente adicionado à sigla BRIC em 14 de abril de 2011, após a admissão do país neste grupo político de cooperação. A África do Sul foi incluindo graças à personalidade de Nelson Mandela e da estabilização do poder econômico e político do país depois da *apartheid* e, apesar da economia do país ser somente um quarto do tamanho da Rússia e ser a menor de poder econômico dos BRICS.

Em nível geopolítico, a justificação desta inclusão tem como objetivo de colocar no grupo a maior potência do continente africano. Apesar da África do Sul estar em 31º no mundo, a mesma é um portal para desenvolver o comércio numa região que tem uma grande perspectiva de expansão.

A China é o maior parceiro comercial da África do Sul e tem como prioridade a ampliação dos laços comerciais com o continente, muitas vezes em competição com grandes grupos brasileiros dos setores da mineração e da construção civil.

Uma característica essencial do potencial de desenvolvimento dos BRICS é o processo de inclusão social. Usando o limite da classe média global com domicílios cujas despesas diárias estão entre dez e cem dólares por pessoa, segundo Kharas e Gertz (2011), em 2015,



pela primeira vez, o número de consumidores desta classe nos países do BRICS será igual ao da Europa e da América do Norte.

No entanto, na China, em 2021, possivelmente serão 670 milhões os consumidores de classe média, em comparação com os 150 milhões em 2011. Em 2030, a Índia será responsável por cerca de 23% do consumo da classe média global; a China, 18%; os Estados Unidos, 7%; Alemanha e França, 2% cada (Kharas e Gertz, 2011).

Segundo estimativa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de 2003 a 2013, mais de 40 milhões de brasileiros ascenderam das camadas mais pobres para as classes médias, B e C. Contudo, isso não significa que eles estejam a salvo do risco de retroceder. Quase 70% dos brasileiros têm renda de até 790 reais por mês, condição que o Banco Mundial chama de vulnerável (Barros, Maia Junior, 2014).

A tabela 5 indica o PIB e o PIB *per capita* nominal de cada um dos cinco países membros do BRICS e com o critério de Paridade do Poder de Compra (PPC) relativo à população. A título de comparação com os dados da tabela 5, o PIB *per capita* nominal, em 2012, estava nos Estados Unidos de 51.700 dólares e da Alemanha de 41.900 dólares.

No caso do Brasil, a avaliação comparada aos países com o critério da PPC é efetuada a partir da taxa de câmbio que permite vislumbrar a compra da mesma quantidade de um produto tanto no Brasil como em um país estrangeiro. Com este nível de câmbio, R\$ 50,00 tem o mesmo poder de compra nos dois países.

**Tabela 5:** O PIB (nominal e PPC), os PIB per capita (nominal e PPC) e a população dos países membros do BRICS (2012).

	<b>PIB nominal \$US bilhões</b>	<b>PIB PPC \$USD bilhões</b>	<b>PIB per capita nominal \$USD</b>	<b>PIB per capita PPC \$USD</b>	<b>População</b>
<b>Brasil</b>	2.023	2.181	10.471	11.289	201.032.741
<b>Rússia</b>	1.477	2.219	10.512	15.807	141.927.297
<b>Índia</b>	1.430	4.001	1.176	3.290	1.180.251.000
<b>China</b>	5.878	10.085	4.382	7.518	1.338.612.968
<b>África do Sul</b>	0.354	5.524	7.101	10.505	49.320.500

Fonte: Wikipédia, <http://pt.wikipedia.org/wiki/brics>, OMC.

Em 2013, em paridade de poder de compra, os integrantes do BRICS possuem um PIB superior ao dos Estados Unidos ou ao da União Europeia (Bivar *et alli.*, 2013). No total, mais de três bilhões de pessoas vivem nos cinco países, cerca de 45% da população mundial (HSBC, 2013).

Contudo, os países membros do BRICS não andam com a mesma velocidade no sentido de reduzir a distância que os separam dos países desenvolvidos. Medido em paridade



de poder de compra, no Brasil, o PIB por habitante correspondia a 28% do valor americano, apenas três pontos acima do que era em 1998. No mesmo período de 15 anos, a China ganhou 15 pontos, para atingir 22% do PIB *per capita* americano (Carta de Exame, 2014).

Outra avaliação constatou que desde início dos anos 80, o Brasil elevou a renda *per capita* a uma taxa anual de 1,1% ao ano, enquanto a China e Índia puxavam a média do mundo para cima: os chineses com média de quase 8% de crescimento do PIB *per capita* e os indianos com 4,3% no mesmo período (Barros, Maia Junior, 2014).

### - A euforia passou

De 2005 a 2012, enquanto as economias ricas cresciam a passo inferior a 3% ao ano, os países em desenvolvimento cresceram em média perto de 6%. Contudo, os mercados emergentes viveram até pouco tempo atrás um período de exuberância (tabela 6). Agora os tempos de fartura estão ficando para trás e os integrantes do BRICS que pareciam destinados a serem as novas locomotivas do crescimento mundial, começam apresentar um esgotamento dos fatores que impulsionaram o crescimento.

**Tabela 6:** A queda das taxas de crescimento do PIB nos países do BRIC, comparação entre 2007 a 2013.

	<b>Brasil</b>	<b>Rússia</b>	<b>Índia</b>	<b>China</b>
<b>2007</b>	6,1%	8,5%	10,1%	14,2%
<b>2013</b>	2,5%	2,5%	5,6%	7,8%

Fonte: Carta Capital, The Economist, 7/08/2013.

A interdependência é, sobretudo, a dependência. A globalização colocou as nações sempre mais a mercê de forças que elas não dominam. A crise da Europa provoca a queda das exportações chinesas e, em consequência, a queda do crescimento do país, queda que tem um impacto sobre as exportações brasileiras de *commodities*. A perspectiva é que a China crescerá menos, mas sobre uma economia que é três vezes maior que há dez anos.

Segundo o chefe de mercados emergentes do Banco de Investimento Morgan Stanley, Ruchir Sharma,

“Os tempos de bonança externa acabaram. O preço das *commodities* está caindo, o dinheiro não está tão facilmente disponível porque os bancos estão mais restritivos, o fluxo de capital perdeu a robustez de antes e as populações estão clamando por mudanças” (Barros, Maia Junior, p.36, 2014).



Para o Brasil, o arrefecimento no preço de produtos agrícolas e minerais é um dos motivos que explicam a mudança de cenário. Um estudo do Fundo Monetário Internacional prevê que, de 2014 a 2019, o preço médio das *commodities* agrícolas será 23% menor do que a média de 2003 a 2011.

No caso brasileiro há a perda de fôlego do consumo interno que ajudou a reduzir o crescimento da economia. Com ao aumento de inadimplência, a queda da taxa de juros não estimulou muito a demanda de bens de consumo. (Ribeiro, 2012). A falta de competitividade (o custo Brasil) e de inovação da indústria brasileira explica também por que o país **enfrentou uma leve recessão** em 2014.

### **- Em longo prazo, a visão otimista das multinacionais.**

Apesar que a parcela dos emergentes na produção mundial não aumente mais tão depressa quanto nos anos 2000, não acontecerá uma fuga dos investimentos estrangeiros porque as multinacionais têm uma visão de longo prazo sobre as potencialidades do desenvolvimento econômico e social dos países membros do BRICS. Esta visão aparece nitidamente no caso do Brasil que segundo Doosa (2010), presidente da Société Générale do Brasil (grupo bancário francês),

“Com quase certeza, o Brasil tem à frente dele, 20 até 25 anos de crescimento. Podemos comparar esta perspectiva com a época dos « trinta anos gloriosos » da França, que se iniciou depois da segunda guerra mundial. Além disso, o Brasil tem recursos naturais que a Europa não tem” (DOOSA, 2010).

Numa entrevista, V. Mansi, o gerente de comunica o da General Motors, reafirmou a importância estratégica dos investimentos da montadora americana no Brasil,

“A GE reafirma o compromisso com o Brasil e a extrema importância do país para a estratégia global e o sucesso da companhia. A empresa manteve um crescimento expressivo, praticamente dobrando de tamanho nos últimos três anos e continua investindo na forte expansão dos negócios no Brasil, o terceiro maior mercado para a GE no mundo” (Mansi, 2014).

Carlos Ghosn, presidente mundial da Renault-Nissan não tem nenhuma d vida sobre a continua o, em longo prazo, da expansão dos países emergentes,

“Todo o mundo espera que o Brasil cresça 4% ou 5% ao ano, mas o mercado russo também está em declínio e a  ndia teve um 2013 ruim. O mercado sempre faz análises de curto prazo e uma empresa não investe em razão disso. Não tenho nenhuma d vida sobre o crescimento dos emergentes. Continuamos com investimentos na China, na Rússia, na  ndia, no México. Começamos a investir na África, que é a fronteira do futuro em nossa visão” (PADUAN, 2014).



#### 4. OS BRICS: a ambiguidade do conceito.

##### - Os BRICS: um grupo heterogêneo

Além das grandes diferenças de nível sociocultural na medida onde cada nação tem uma história e uma civilização particular, conforme a tabela 5 aparece, contudo, uma heterogeneidade entre os países membros do BRICS sobre um conjunto de critérios econômicos:

- O PIB: o PIB nominal da China é superior a soma dos PIB dos quatro outros países membros. Com 5.878 bilhões de dólares, ela é quatro vezes maior que o PIB da Índia e o valor do PIB da África do Sul atinge só 6% do PIB chinês.

- O tamanho do mercado interno: a população chinesa é de 1.338.612.968 de habitantes, bem maior que a população da Rússia (141.927.297 habitantes) e ainda mais da África do Sul (49.320.500 habitantes).

- O PIB *per capita*: com um PIB nominal por habitante de 1.176 dólares, a situação da Índia não pode ser comparada a do Brasil (10.471 dólares) ou da Rússia (10.512 dólares).

- Divergências concernam a disponibilidade de recursos agrícolas e minerais. Apesar de que a China seja uma grande potência agrícola, com 22% da população mundial, esta dispõe somente de 9% das terras aráveis e de 5% da água doce do planeta. Isso justifica uma vasta política de aquisição de terras agrícolas, principalmente na África e explica a importância do Brasil como fornecedor de produtos para a alimentação humana e animal (a soja).

- A participação no comércio mundial: conforme os dados da tabela 1, a China tem uma fatia nas exportações mundiais de 10,4%, enquanto que a participação do Brasil é de 1,4%. China e Rússia têm uma economia mais aberta que a Índia e o Brasil, dessa forma as exportações chinesas representam 26% do PIB do país, que no caso do Brasil, a porcentagem das exportações no PIB é bem menor (10,4%). Outro ponto, na expansão das relações comerciais entre BRICS aparece uma assimetria na medida em que a China se tornou o principal ou segundo parceiro comercial de todos os membros do BRICS, sem que a recíproca fosse verdadeira. No caso do Brasil, em 2013, a China era o primeiro país fornecedor do Brasil com uma participação de 15,6% nas importações totais e o primeiro país cliente do Brasil, (19% das exportações brasileiras tem destinação a este país).

- A pauta das exportações: A China exporta, sobretudo, bens manufaturados e a Índia é especializado na oferta de serviços. Em comparação, Rússia e Brasil são países exportadores



de *commodities*, enquanto as vendas externas da Rússia são concentradas em matérias primas, a participação do Brasil no comércio internacional se destaca os produtos agrícolas. O comércio entre o Brasil e a China ilustra claramente o perfil diferente do negócio entre os dois países: 85% das exportações brasileiras com destinação a China são *commodities* (soja, minério de ferro, óleo de petróleo, celulose) e 75% das importações brasileiras de proveniência da China são produtos manufaturados (material elétrico, mecânico, produtos químicos, veículos) (Drouvot, Magalhães Drouvot, 2013).

- As capacidades científicas e tecnológicas: como indicado na tabela 8, no ano 2000, Brasil, Índia, China tinham um volume parecido de patentes registradas nos Estados Unidos. No entanto, em 2013, a diferença tornou-se gritante entre os três países, deixando o Brasil bem atrás dos dois outros.

**Tabela 7:** Comparação de patentes registradas nos Estados Unidos entre 2000 a 2012.

	<b>BRASIL</b>	<b>INDIA</b>	<b>CHINA</b>
<b>2000</b>	113	131	161
<b>2012</b>	256	1734	5341

Fonte: US. Patent and Trademark Office, Exame 16/10/2013.

Apesar de em 2010 o Brasil ter sido considerado a sexta economia do mundo, o mesmo tinha uma posição medíocre no *ranking* do “*Global Innovation Index*” que mede a inovação de 141 países como mostra a Tabela 7.

**Tabela 8:** A classificação dos países no “*Global Innovation Index*”

<b>1º</b>	<b>34º</b>	<b>39º</b>	<b>54º</b>	<b>58º</b>	<b>141º</b>
Suécia	China	Chile	África do Sul	Brasil	Sudão

Fonte: Abenge e Mc Kinsey, Exame 16/10/2013.

### - O grau de institucionalização do BRICS

Apesar do grupo ainda não ser uma associação de comércio formal, parece que os membros têm procurado formar uma aliança a fim de converter seu crescente poder econômico com influência geopolítica.



A afirmação política do BRIC se manifestou na primeira cúpula oficial em 16 de Junho de 2009 em Ekaterinburg, na Rússia e desde então, os líderes do grupo realizam cúpulas anuais.

Em 2013, a fim de contestar a hegemonia do FMI e do Banco Mundial, na quinta Cúpula dos BRICS em Durban, África do Sul, confirmou a criação de um Banco Sul-Sul (*New Development Bank*). Os principais objetivos econômicos são o financiamento de projetos de infraestrutura e desenvolvimento em países pobres e emergentes e, de impulsionar o comércio entre os cinco componentes do grupo, sendo que o capital do banco deve chegar a 100 bilhões de dólares. Segundo Nicholas Lardy, pesquisador do Instituto Peterson para a Economia Internacional, o novo banco poderá ser mais um fonte de financiamento para as obras de infraestrutura necessárias para os Brics, mas sua criação não é suficiente para dar coerência econômica e política a esse grupo de países. (Maia Junior, 2014b).

Para o Itamaraty, como agrupamento, os BRICS tem um caráter informal. Não tem um documento constitutivo, não funciona com um secretariado fixo. Em última análise, o que sustenta o mecanismo é a vontade política de seus membros. Ainda assim, os BRICS têm um grau de institucionalização que se vai sendo definido à medida que os cinco países intensificam suas interações (Silva, 2011).

A longevidade da aliança necessita o desenvolvimento de visões do mundo de forma comum e identidade comum. A institucionalização da aliança deve se fortalecer com encontros regulares das elites dos cinco países.

#### **- Os conflitos de interesse entre os membros do BRICS**

Os BRICS são constituídos por um conjunto de nações com características muito díspares. Atrás do imperativo de definir um programa comum mínimo, existem entre os países membros, interesses divergentes que se exprimem nas negociações internacionais.

O ciclo de Doha da OMC foi bloqueado pelas recusas do Brasil em abrir mais seu mercado de serviços e da Índia seu mercado agrícola. A intransigência da Índia e de outros aliados estratégicos do Brasil (Cuba, Venezuela, Bolívia) frustra as expectativas de alcançar a aprovação de uma nova rodada de abertura do comércio internacional.

Há nesse momento uma forte divergência entre a Índia e o Brasil sobre a questão da abertura comercial do setor agrícola na medida em que o Brasil, “o celeiro do mundo”, quer sempre mais aumentar suas exportações agrícolas e que a Índia está mais preocupada em



proteger os agricultores familiares, muitas vezes em situação de extrema pobreza, e que representam ainda a metade da população do país.

Assim, o governo indiano não aceitou na OMC a negociação dos termos sobre subsídios agrícolas, onde a ajuda governamental aos agricultores não deve superar 10% do total da colheita. O governo deseja ampliar um programa de auxílio aos pequenos produtores. No Brasil, um dos maiores defensores da liberação do comércio de produtos agrícolas, foi uma derrota (Sakate, 2014).

Existe uma desconfiança mútua entre a Índia e a China. As transferências de armas da China para o Paquistão, considerado rival da Índia mostra que os dois países ainda têm interesses de segurança divergentes nesta região da Ásia (Silva, 2011). A China acusou a Índia de apoiar os movimentos separatistas no Tibet.

A coexistência de divergências entre os países membros leva a ambiguidade e usos diferentes dos conceitos de BRICS. Na intenção de ampliar o número de membros do Conselho de Segurança da ONU, os países candidatos, o Brasil e a Índia, não podem esperar o apoio chinês e contam com uma posição ambígua por parte da Rússia (Pereira, 2011).

Para Mottet (2013), a cooperação entre os países membros dos BRICS não tem a mesma importância segundo os parceiros. Conforme o autor é a China que é a nação mais interessada em desenvolver as iniciativas deste bloco porque é uma possibilidade à mesma de reforçar sua liderança no grupo dos países em desenvolvimento.

Além disso, no futuro, existe uma grande probabilidade que as duas potências dominantes serão a China e os Estados Unidos e os chineses têm um grande interesse de se juntar aos outros países emergentes para fortalecer seu poder numa relação de rivalidade com os Estados Unidos.

As sanções impostas pelos países ocidentais depois da anexação pela Rússia da Crimeia, em março 2014 e de sua intervenção na guerra civil da Ucrânia é um fator geopolítico que explica as recentes tentativas do Presidente russo Vladimir Putin de se aproximar da Índia e da China. Em dezembro 2014, ele participou em New Délhi a cúpula anual Índia- Rússia e firmou diversos acordos de cooperação no setor da defesa, da energia e da aviação civil (Madan, 2014). Contudo, algumas semanas depois, o dia 26 de janeiro de 2015, o Presidente dos Estados-Unidos viajou na Índia para assinar diversos acordos bilaterais afim de “estabelecer uma parceira estratégica duradoura” entre os dois países (Expressomt. 2015).



O presidente Putin também se esforça de ampliar a cooperação econômica e tecnológica com a China, em particular com um ambicioso projeto de gasoduto, Contudo, segundo Dyer (2014), o presidente chinês Xi Jinping não quer destruir as sólidas relações com os Estados- Unidos, que têm sido o centro da estratégia chinesa por quatro décadas.

## Conclusão

Segundo Pereira (2011), os conceitos são formados pela categorização e diferenciação, podendo transmitir uma mudança no mundo, transformação que dependeria da capacidade de aplicar de forma eficiente através da comunicação e das práticas. Nesta construção de uma teia de significados e práticas, para o autor, são representações que contam relações de poder e o acrônimo BRICS se integra nesta perspectiva conceitual.

Mais de 10 anos após o artigo de Jim O'Neill (2001a), economista da *Goldman Sachs* e criador dos BRICS como dito anteriormente, parece ter se cumprido fielmente em termos econômicos (Pereira, 2011) e é possível também afirmar que acontece um processo de institucionalização dos BRICS numa perspectiva de multipolarização do sistema econômico e político no mundo, com a contestação do modelo dominante fundado sobre uma lógica de dominação do ocidental ligado a época colonial (Huissoud, 2013).

Os BRICS são vistos como um grupo de Estados que buscam reordenar mecanismos de governança mundial para fora da órbita do “mundo desenvolvido” e o termo é um artefato de múltiplas fontes, algumas das quais se sobrepõem, outras das quais se contradizem.

Numa entrevista na revista *Exame* (Maia Junior, 2014b), o economista americano Nicholas Lardy, especialista do desempenho dos países emergentes, indicou que a única característica em comum desse bloco foi, durante a década passada, o alto crescimento econômico, que hoje é privilégio apenas de Índia e, especialmente. Em janeiro de 2015, o Banco Central do Brasil estimou que o crescimento do PIB nacional para este ano será só de 0,13%, Para Olivier Blanchard, economista-chefe do FMI, a economia russa entrará em recessão em 2015, enquanto, a Índia deveria crescer em 2015 a uma taxa superior a 6% e a China superior a 7% (Stefano, 2014).

Para Silva (2011), buscar coerência e coesão no conceito BRICS é menos interessante do que focar-se sobre as modalidades de transformação das ordens internacionais. Os BRICS estão adquirindo poder suficiente para alterar a realidade da economia global e o fato importante é que o comércio entre os países do grupo aumentou 1.400% durante a última década, tendo superado a marca de 200 bilhões de dólares em 2011.



Segundo este mesmo autor, os BRICS ainda são um caso recente de arranjo político, o agrupamento precisa evoluir no intuito de reduzir as divergências internas e criar mecanismos de confiança mútua a partir de projetos de cooperação enriquecedores.

## **Bibliografia**

Barros, D., Maia Junior, H. (2014). « **O Brasil que queremos** », Exame, 1º de outubro de 2014, p.32-56.

Barros, D. (2014). « **Aqui não é preciso competir** », Exame, 1º de outubro de 2014, p.67-68.

Bivar, W.; Surinov, A.; Das, S.K.; Jiantang, M. A. Lehohla, P. (2013). ***Brics Joint Statistical Publication 2013***, Statistical System of South Africa.

Brookings.edu (2014). « **Five reasons the Russian President will be welcomed in India** ».

[http://www.brookings.edu/blogs/up-front/posts/2014/12/09-5-reasons\\_putin-will-be-welcomed-in-india-madam](http://www.brookings.edu/blogs/up-front/posts/2014/12/09-5-reasons_putin-will-be-welcomed-in-india-madam).

Brzezinski, Z. (1997). « **A América permanecerá como « árbitro » do mundo** », L'Expansion, 18/12/1997.

Carta Capital. (2013). « **Passos mais lentos** », Carta Capital, 7/08/2013.

Carta do Exame. (2014). « **Para o país seguir rumo à prosperidade** », Exame, 1º de outubro de 2014, p.8.

Chancel, C. (2013). De la Chine classique à la Chine mondialisée, *In: Matmati, M., **Basculement économique et géopolitique du monde, poids et diversité des pays émergents***, Paris, L'Harmattan, p.157-190.

Doosa, F. (2010) « **Entrevista do presidente da Société Générale do Brasil** ». Les Echos, 15/03/2010.

Drouvot, H., Magalhães Drouvot, C. (2013). Le Brésil, un géant qui s'éveille, *In: Matmati, M., **Basculement économique et géopolitique du monde, poids et diversité des pays émergents***, Paris, L'Harmattan, p.65-97.

Dryer, G. (2014). « **O grande teste da China** », Exame, 24 de dezembro de 2014, p.60-64.

Expressomt (2015), « **O Presidente dos Estados-Unidos anuncia investimentos de US\$ 4 bilhões na Índia em investimentos** », 26 de janeiro de 2015.

<http://www.expressomt.com.br/economia-agronegocio/obama-anuncia-investimentos-de-us-4-bilhoes-na-ndia-122505html>

Frachon, A. (2014). « *la concurrence fait rage pour le leadership* », L'histoire de l'Occident, p.152-159, Le Monde, hors-série, juin 2014.



- Hausmann, R. (2013). « *Pays émergents: la fête est finie* », Le Monde, 06/09/2013  
HSBC Global Connections, Exame, 19 de março de 2013, p.27
- Huissoud, J. M., (2013). Emergence et système international: les BRICS, *In: Matmati, M., Basculement économique et géopolitique du monde, poids et diversité des pays émergents*, Paris, L'Harmattan, p.46-61.
- Kharas, H.; Gertz, G. (2011). « *Brookings institution* », The Economist, 23 July 2011.
- Lenglet, F. (2014). *La fin de la mondialisation*, Paris, Librairie Arthème Fayard.
- Madan, T. (2014). « **Five reasons the Russian President will be welcomed in India** ». [http://www.brookings.edu/blogs/up-front/posts/2014/12/09-5-reasons\\_putin-will-be-welcomed-in-india-madan](http://www.brookings.edu/blogs/up-front/posts/2014/12/09-5-reasons_putin-will-be-welcomed-in-india-madan).
- Maia Junior, H (2014a). « **As saídas estão ao alcance** », Exame, 3/09/2014, p.60-70.
- Maia Junior, H (2014b). « **Agora é cada um por se** », Exame, 24/12/2014, p.52-54.
- Mansi, V. (2014). **Entrevista do gerente de comunicação da GE**, São Paulo, Exame, 30 de abril de 2014, p.18.
- Marfarlane, S. (2006). *The 'R' in BRICs: is Russia an emerging power?*, Wiley Online Library.
- Mottet, L. (2013). « *Cooperation and competition among the BRICS and other emerging power* », French Center for Research on Contemporary China, Intern, January – March 2013. <http://www.cefc.com.hk/uf/file/researchpapers/BRICS%20report.pdf>
- O'Neill, J. (2001a). « *Over the next 50 years, Brazil, Russia, India and China, the BRICs economies, could become a much larger force in the world economy* », Global Economics Paper, n°99, Paper 134.
- O'Neill, J. (2011b). **Entrevista sobre os BRICS**, Valor, 1/04/2011, A11
- Paduan, R. (2014). « **Falta uma visão de futuro** », Exame, 28 de maio de 2014, p 61.
- Pereira da Silva Gama, C. F. (2011). « **Definido BRICS: a recategorização do “internacional” e o questionamento do “global” para além do “revisonismo” e do “reformismo”** », IRI/PUC-Rio: - 3º Encontro Nacional ABRI. [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.pdf?.pid=MSC0000000122011000100042&script=sci\\_arttext&tling=pt](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.pdf?.pid=MSC0000000122011000100042&script=sci_arttext&tling=pt)
- Ram Charan, (2013). **Ruptura global**, liderando seu negócio através da grande transformação do poder econômico mundial, São Paulo, HSM Editora.
- Ribeiro A. (2012). « **Mundo de incertezas** », Valor, 20 de julho de 2012.



Rodrik, D. (2011). *The globalization paradox: democracy and the future of the world economy*, W.W. Norton and Company.

Rubens Ricupero, R. (2014). « **Desindustrialização precoce: futuro ou presente do Brasil?** », *Le Monde Diplomatique Brasil*, março 2014, p. 9-11.

Sakaté, M (2014). « **Um passo para trás** », *Veja*, 13 de agosto, 2014, p.72.

Silva, A. H. L. (2011). « **Teoria das alianças e os BRIC (BRASIL, RÚSSIA, ÍNDIA E CHINA): uma análise de sua formação e dinâmica** », IRI/PUC-Rio: - 3º Encontro Nacional ABRI , 2011. <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/enabri/n3v1/a26.pdf>

Stefano, F. (2014). « **Cenário global, menos incerteza, mais credibilidade** », *Exame*, 24 de dezembro de 2014, p. 56-59.

Urbasch, G. (2004). *A globalização brasileira. A conquista dos mercados mundiais por empresas nacionais*. Rio de Janeiro, Elsevier.